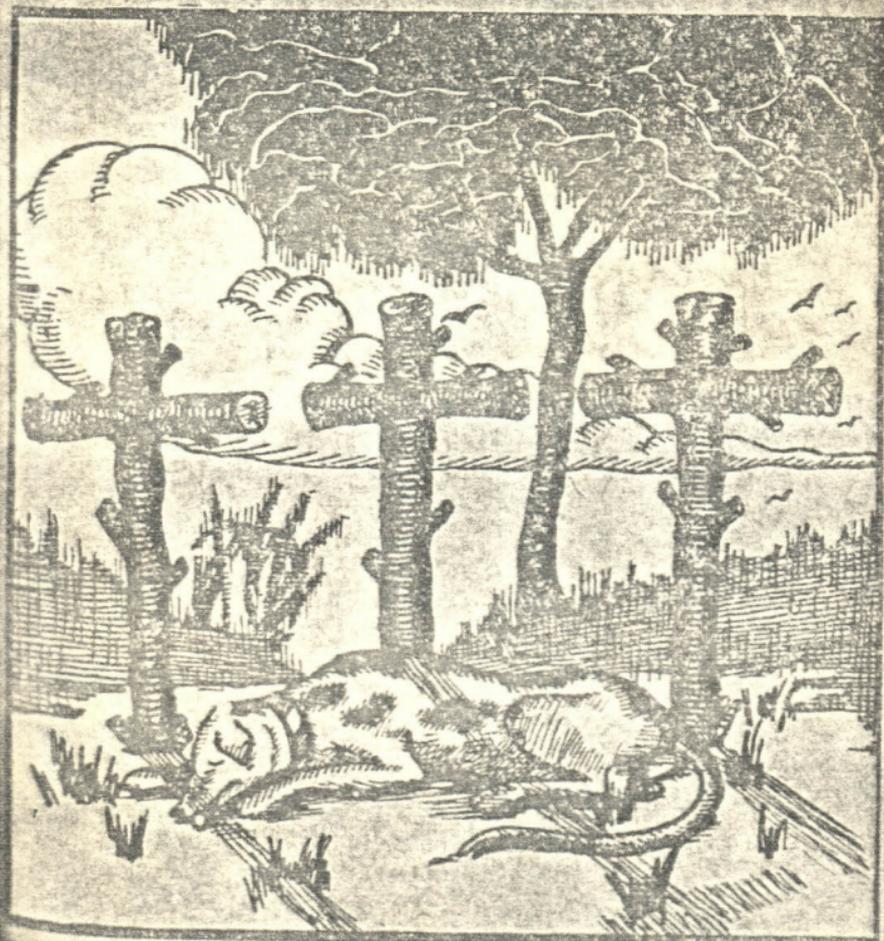


Leandro Gomes de Barros

# Cachorro dos Mortos

*... deitando-se entre as tres cruzes  
sua vida terminou.*



HISTORIA COMPLETA

Preço 1\$500

# O Cachorro dos Mortos



Os nossos antepassados  
eram muito prevenidos,  
diziam: Mattos têm olhos  
e paredes têm ouvidos,  
os crimes são descobertos  
por mais que sejam escondidos.

Em oitocentos e seis,  
na provincia da Bahia,  
distante da capital  
tres leguas ou menos seria,  
Sebastião de Oliveira  
ali num canto vivia.

Elle, a mulher, duas filhas  
e um filho homem já feito,  
o rapaz era empregado  
tambem estudava direito,  
o velho não era rico  
mas vivia satisfeito.

## 2 Cachorro dos Mortos

---

As duas filhas eram moças  
honestas e trabalhadoras,  
logravam na capital  
o nome de encantadoras,  
chamavam a atenção de tudo  
as grandes tranças tão louras.

Esse velho era ferreiro  
e ferreiro habilitado,  
vivia ali do officio  
plantando e creando gado,  
por tres vezes engeitou  
o cargo de delegado.

Havia um visinho d'elle,  
Elisiario Amorim,  
esse tinha um filho unico  
da especie de Caim,  
emquanto o hespanhol velho  
até não era ruim.

O filho d'esse hespanhol,  
uma féra carniceira,  
veiu provocar namoro  
com as filhas do Oliveira,  
uma d'ellas disse a elle:  
—De nós não ha quem o queira.

Elle lhe disse: Não sabes  
que meu pae possui dinheiro?  
Em terras e creações  
é o maior fazendeiro?  
Ella disse: O meu é pobre.  
planta, cria e é ferreiro.

Minha mãe tece de ganho  
nós vivemos de costura,  
papae vive da sua arte  
e da sua agricultura, —  
meu irmão é empregado,  
para que maior ventura?

O seductor conheceu  
seu planos serem de balde  
e só podia vencel-as  
por meio de falsidade,  
que é a arma mais prompta  
aonde existe a maldade.

Sahiu d'ali Valdivino  
fedendo a xifre queimado  
e a Angelita ficou  
com o coração descançado,  
nem disse aos outros de casa  
o que se tinha passado.

Elle pensou em forçal-a  
mas pensou no resultado  
devido ao pae de Angelita  
ser muito considerado  
e o filho, pelo governo,  
ser tão bem conceituado.

Exclamava elle consigo:  
—Oh! Angelita, é tão bella!  
eu não socegarei mais  
e nem me esquecerei d'ella,  
farei tudo para vencel-a  
porém não caso com ella.

Mas Valdivino temia  
o pae d'ella e o irmão,  
o governo da provincia  
tinha-lhe muita attenção,  
o irmão era empregado  
e tinha condecoração.

Valdivino inda pensou  
em matar o Floriano,  
podia pagar com ouro  
todo governo bahiano,  
ainda que entrasse em jury  
não pegava nem um anno.

Ou poderia matal-o  
oculto numa emboscada,  
porque ninguém vendo o crime  
elle não soffria nada,  
defunto não conta historia  
estava a questão acabada.

Havia então um engano  
entre Victoria e Bahia,  
a divisão das provincias  
ali ninguém conhecia,  
Sebastião de Oliveira  
era o unico que sabia.

O governo da provincia  
tendo aquella precisão  
disse um dia a Floriano:  
—Você vá em commissão  
chamar seu pae para vir  
mostrar a demarcação.

Valdivino de Amorim  
viu Floriano passar,  
escolheu o logar proprio  
onde o podesse emboscar,  
dizendo dentro de si:  
—Elle não póde escapar.

A féra foi emboscal-o  
onde havia uma capoeira,  
carregou um bacamarte  
fez de uma arvore trincheira,  
distante um quarto de legua  
da fazenda de Oliveira.

O rapaz chegou em casa  
o velho tinha sahido,  
foi ver si achava um jumento  
que ha tempos tinha sumido,  
um amigo lhe escreveu  
que tinha lá apparecido.

E Floriano chegou  
depois que o velho sahio,  
nessa tarde não voltou  
com a familia dormiu,  
deu o recado á mãe d'elle  
e de madrugada seguiu.

Calar, um chachorro velho  
que Sebastião criou,  
viu Floriano sair  
depressa o acompanhou,  
Floriano quiz voltal-o  
porém Calar não voltou.

Passava ali Floriano  
a féra logo o enlrentou,  
disparou o bacamarte,  
sem vida em terra o lançou,  
Calar partiu ao sicario,  
o assassino o amarrou.

Quinze minutos depois  
ouviram grande estampido,  
Angelita se assustou  
dizendo: O que terá sido?  
O tiro foi para o lado  
que o irmão tinha sabido.

Angelita convidou  
a sua irmã Esmeralda  
dizendo: Vamos aqui  
a passeio pela estrada,  
aquelle tiro que déram  
deixou-me sobresaltada.

No sertão, naquelle tempo,  
podia uma moça andar,  
decorriam dois e tres mezes  
sem um homem ali passar,  
por isso foram ellas duas  
sem ter de que receiar.

Iam ellas conversando  
sobre a aragem matutina,  
disse Esmeralda á irmã:  
olha para o céu, menina,  
estaes vendo aquella estrella  
como tem a luz tão fina?

Chegaram, acharam o irmão  
morto no meio da estrada,  
elle, de dentro do matto,  
atirou em Esmeralda,  
enfrentou a Angelita  
dizendo: Não diga nada.

Angelita muito pallida,  
mas não estava esmorecida,  
vendo os dois irmãos já mortos  
por uma mão homicida,  
lhe disse: Monstro tyranno,  
eu morro e não sou vencida.

Elle lhe disse: Angelita,  
com tudo isso sou teu...  
Foi dar-lhe um beijo nos labios  
e Angelita o mordeu,  
elle cravou-lhe o punhal  
ella ali esmoreceu.

Pondo a mão na punhalada  
disse: Monstro desgraçado!  
aquelle velho cachorro  
que está ali amarrado  
descobrirá este crime  
e tu serás enforcado.

Olhou para um gameleiro  
que tinha junto á estrada  
dizendo: E tu, gameleiro,  
que viste a scena passada,  
és uma das testemunhas  
quando a hora fôr chegada.

Já na ultima agonia  
exclamou: Monstro assassino,  
tiraste agora tres vidas  
e não saceias o destino,  
isso hei de te lembrar  
perante o Juiz Divino.

Não julgues que fica impune  
este sangue no deserto,  
tu não vês tres testemunhas  
que estão aqui muito perto?  
Essas perante o publico  
dão depoimento certo.

Disse Valdivino: E's louca!  
quem viu o que foi passado?  
Disse Angelita: Este cão  
que ali está amarrado,  
o gameleiro e as flores  
dirão no dia chegado.

Olhou para o cão e disse:  
—Olha, meu velho Calar,  
tu dirás tudo ao juiz  
sem elle te perguntar,  
este velho gameleiro  
fica para te ajudar.

E essa flor que por ella  
ha festa aqui todo o anno,  
ha de tirar a justiça  
de uma suspeita ou engano,  
diz ao juiz: Venha ver  
quem matou o Floriano.

As tres vidas que roubaste  
pagarás com tua vida,  
tu has de te arrepender  
depois da causa perdida,  
uma lagrima de dor  
será por teu pae vertida.

Comtudo, monstro, perdôo-te  
porque fui e sou christã,  
a morte de meu irmão,  
a minha e da minha irmã,  
tu hoje matas a mim  
outro te mata amanhã.

E pondo a mão sobre uma  
das punhaladas que tinha,  
disse á Calar: Si fugires  
consola minha mãesinha  
e lhe digas que abençõe  
os pobres filhos que tinha.

Embora que tu não fales,  
pois não te foi concedido,  
mas um olhar bem lançado  
dá idéa de um sentido,  
um uivo e um teu olhar  
póde ser comprehendido.

E ali serrando os olhos  
quasi a sorrir expirou,  
o assassino a olhando  
chorando se retirou,  
depois pensou: Isso é nada!  
com toda a calma voltou.

Já estava frio o cadaver,  
porém nas faces mimosas  
se via perfeitamente  
desenhos de duas rosas  
como que fossem pintadas  
por mãos das mais curiosas.

Em Esmeralda se via  
o sangue ainda sahindo,  
vestigios de zombaria  
como quem morre sorrindo,  
como creança brincando  
que finge que está dormindo.

O rapaz banhado em sangue  
bem no centro da estrada,  
á esquerda de Angelita,  
á direita de Esmeralda,  
tendo uma mão na ferida  
e a outra mão estirada.

Valdivino tinha, á noite,  
escripto numa carteira:  
«Eu hoje hei de matar  
Floriano de Oliveira,  
si não matal-o, me mato,  
será minha derradeira.»

Datou, assignou o nome,  
pegou na arma e sahiu,  
se encostou no gameleiro  
a carteira escapoliu,  
havia um ôco na arvore  
nelle a carteira cahiu.

A féra não se lembrou  
da testemunha occular,  
perdendo aquella carteira  
alguem a podia achar,  
ella na mão da justiça  
quem poderia o salvar?

Porém uma força occulta  
permittiu que elle a perdesse  
e a mesma força impôz  
que d'ella elle esquecesse  
para dizer ao seu tempo:  
—O assassino foi esse!

Calar, o pobre cachorro  
que àquelle espectaculo via,  
soltava uivos enormes  
que muito longe se ouvia,  
rosnava e fitava os olhos  
debalde a corda mordia.

Valdivino ali puxando  
um facão muito afiado  
descarregou no cachorro  
um golpe encolerizado,  
errou-o e cortou-lhe a corda  
com que elle estava amarrado.

Valdivino ficou triste  
vendo o cachorro correr,  
lêmbrou-se do que Angelita  
disse antes de morrer,  
depois disse: Elle não fala,  
como poderá dizer?

Calar chegou na fazenda  
uivando desesperado,  
dona Maria da Gloria  
já tinha se levantado,  
quando ouviu o cão uivando.  
logo cresceu-lhe o cuidado.

E foi procurár os filhos  
onde ouviu os estampidos,  
Calar foi adeante uivando  
com enormes alaridos,  
e dona Maria da Gloria  
ia já sem os sentidos.

Qual não foi o seu espanto  
quando chegou ao lugar  
onde achou os filhos mortos  
sem nada poder atinar,  
Calar sabia de tudo  
mas não podia falar.

Voltou Maria da Gloria  
n'um triste e penoso estado,  
já Sebastião em casa  
a esperava sentado,  
não sabia da desgraça  
que ha pouco tinha se dado.

Perguntou pela familia  
ella não pode falar,  
disse apenas : Morreu tudo !  
apontando para o lugar,  
estendeu-se sobre o chão  
sem nada mais atinar.

Sebastião de Oliveira  
foi por onde a mulher veio,  
achou o poço de sangue  
e os filhos mortos no meio,  
olhou para o céu e disse:  
—Oh, meu Deus, que quadro feio!

Foi perguntar á mulher  
como aquillo tinha se dado,  
ella apenas lhe contou  
o que se tinha passado,  
deixando o pobre ancião  
afflicto e impressionado.

Montou num burro e sahiu  
d'ali para a capital,  
logo chegando á cidade  
foi ao quartel general,  
lá falou quasi uma hora  
e nada disse, afinal.

Depois de muita insistencia  
o presidente entendeu  
perguntar por Floriano  
elle lhe disse: Morreu!  
elle e a familia toda  
e contou o que aconteceu.

A justiça toda foi  
ver o que tinha se dado,  
encontraram os tres cadaveres  
no chão em sangue banhado,  
Calar ainda estava uivando  
junto dos mortos deitado.

Foram á casa de Oliveira  
ver si Maria da Gloria  
dava um roteiro que ao menos  
se calculasse uma historia,  
ella contou esta mesma  
que elles guardam na memoria.

Dona Maria da Gloria  
dois dias depois morreu,  
Sebastião de Oliveira  
em tres dias enlouqueceu,  
dentro de duas semanas  
tudo desappareceu.

A justiça da Bahia  
não cessou de procurar,  
espalhou por toda parte  
secretas a indagar,  
não havia uma pessoa  
que dissesse: Eu vi matar.

Dava dez contos de réis  
na moeda que quizesse  
á pessoa que chegasse  
e sériamente dissesse,  
teria mais um terreno  
a pessoa que soubesse.

Porém o crime se deu  
quando ali ninguem passava,  
Calar sabia de tudo  
porque no crime elle estava,  
si falasse descobreria,  
desejo não lhe faltava.

Impressionava a todos habitantes da cidade como deu-se aquelle crime naquella localidade, a Floriano de Oliveira todos lhe tinham amizade.

Attribuiu-se a um roubo por algum aventureiro, mas o rapaz costumava a não andar com dinheiro, questão de moça não era, elle era bem justiceiro.

Os moradores de perto eram todos conhecidos, compadres d'elle e do pae e por elles protegidos, tanto que dando-se o crime todos ficaram sentidos.

Elisiario era um d'esses abortos que tem havido, um d'esses que o pão que come se considera instruido, fazer-lhe mal é peccado, fazer-lhe o bem é perdido.

Esse era fazendeiro porém d'ali não sabia, nem era bem conhecido no commercio da Bahia, só onde vendia lã alguém lá o conhecia.

E o dono de um açougue  
onde elle vendia o gado,  
o Banco onde elle tinha  
dinheiro depositado,  
tanto que deu-se esse crime  
e elle não foi lembrado.

Sentiu e chorou bastante  
a morte do camarada  
e não foi á missa d'elle  
por não ser de madrugada,  
pois só tinha uma camisa  
e estava muito estragada.

Tambem procurou saber  
qual seria o assassino,  
não sei si pelo dinheiro  
ou pelo proprio destino,  
porém nunca veiu-lhe á mente  
ser seu filho Valdivino.

Onde deu-se o crime haviam  
duas estradas em cruz,  
diziam que ali acharam  
umas flores muito azues  
formando uma lapa igual  
a do menino Jesus.

Os bahianos costumavam  
desde a antiguidade,  
fazerem uma grande festa  
naquella localidade,  
vesperas e dias de anno  
ali era novidade.

Na capital da Bahia  
não havia outro festim,  
havia missa campal  
orchestras e botequim,  
bailes n'aquellas latadas  
cobertas de folha e capim.

Em oitocentos e nove  
estava a festa a terminar,  
um velho d'ali que caçava  
passou n'aquelle logar,  
atraz desse caçador  
vinha o cachorro Calar.

Abrigou-se numa sombra  
vinha muito esbaforido,  
foi chorar ao pé da cruz  
que o senhor tinha morrido,  
cheirou as das duas moças  
depois soltou um gemido.

Estava ali o general,  
o bispo e o presidente  
e o chefe de policia,  
homem muito experiente,  
todos ficaram daquillo  
impressionadamente.

O general perguntou  
de quem era aquelle cão,  
respondeu o velho Pedro:  
—Este cachorro, patrão,  
é do defunto Oliveira  
que Deus dê a salvação.

Este cachorro é o rei  
dos cachorros caçadores  
ainda adora o logar  
que lhe mataram os senhores,  
si fosse de madrugada  
vosmicê via os horrores.

Disse o chefe de policia :  
—Ainda não se descobriu  
a morte de um patriota  
que tanto á patria serviu,  
foi aqui neste deserto  
em horas que ninguem viu.

Disse então o presidente :  
—Se ainda se descobrir  
o auctor dessas tres mortes  
eu juro a Deus os punir,  
serei o carrasco delle  
quando elle á força subir.

Sebastião de Oliveira  
era um pobre acreditado,  
a familia era um exemplo  
o filho um rapaz honrado,  
era um bahiano distincto  
por todo mundo estimado.

Depois disse o general :  
—Isso ainda é descoberto,  
o crime foi muito occulto  
feito aqui neste deserto,  
mas quando chegar o dia  
ha de saber-se por certo.

S eu fôr vivo nesse tempo  
serei o algoz mais forte,  
serei um dos que o conduza  
para o theatro da morte,  
com a minha propria mão  
amollo um ferro que o córte.

O cachorro ouviu aquillo  
ergueu-se muito contente,  
foi aos pés do general  
festejou o presidente,  
como quem dizia: O crime  
é punido, certamente.

Disse o bispo: Este cachorro  
é testemunha ocular,  
elle viu quem fez as mortes  
só falta é elle contar,  
si visse o criminoso  
podia o denunciar.

Disse o velho: Este cachorro  
fez uma coisa esquesita,  
tinha uma cobra enroscada  
onde mataram Angelita  
elle espedaçou-a a dentes  
quasi que se precipita.

Elle quando chega aqui  
aos pés das cruzes se lança  
solta uns uivos muito tristes  
como quem pede vingança,  
como quem pede de balde  
sem ter daquillo esperança.

Nisto chega um cavalheiro :  
Valdivino de Amorim,  
andava fóra, inda vinha  
ver se alcançava o festim,  
vinha num burro possante  
alvo, da côr de jasmim.

Assim que o cachorro viu  
Valdivino se apejar,  
rosnou e partiu a elle  
querendo o estraçalhar  
só não rasgou-lhe a garganta  
devido o velho o pegar.

Tremia o queixo e babava  
fitando ali Valdivino,  
uivava como quem já  
tinha perdido o destino,  
só faltava era dizer :  
«Eis aqui o assassino !»

E foi para o pé da cruz  
ali pegou a uivar  
fitava os olhos no céu  
como quem quer suplicar,  
como quem dizia — Oh ! Deus  
vem que eu não posso falar.

Disse o bispo á Valdivino  
— O senhor está descoberto,  
o senhor foi o auctor  
das mortes deste deserto,  
aquelle cachorro deu  
um depoimento certo.

O monstro viu o perigo  
fez tudo para negar  
o bispo disse—Meu filho  
não ha mentira em olhar,  
os olhos são verdadeiros  
não pódem nada occultar.

Os olhos tambem se queixam  
um olhar diz o que sente,  
ameaçam uma trahição  
punição severamente,  
declara a magca ou a dor  
porém um olhar não mente.

O olhar d'aquelle cão  
está demonstrando a dor,  
o sentimento profundo  
da morte do seu senhor,  
elle só falta falar  
e apontar o matador.

Naquillo duas creanças  
que estavam em brincadeira,  
uma dellas se trepou  
num galho de gameleira,  
tirando um ninho de rato  
achou n'elle uma carteira.

O leitor deve lembrar-se  
de um verso que já atraz leu,  
veja na vespera do crime  
o que foi que elle escreveu,  
depois de matar os tres  
a carteira que perdeu.

Ali trouxeram a carteira  
entregaram ao general,  
o bispo disse: Senhor  
o que eu lhe disse afinal?  
Eu não lhe disse que os olhos  
sò dizem o que é real.

Elle ali descobriu tudo  
em sua interrogação,  
Calar ali demonstrou  
ter grande satisfação  
pulava um metro de altura  
e rolava sobre o chão.

Corria escaramuçando  
como quem estava em folia,  
abraçou o general  
com desmarcada alegria,  
como quem dizia: Nesses  
encontrei o que queria.

O povo todo da festa  
partia para o linchar,  
o bispo e o presidente  
trataram de accomodar,  
garantindo que a justiça  
havia de o castigar.

Sahiu preso Valdivino  
e Calar acompanhou-o,  
o velho Pedro o chamando  
mas elle nem escutou-o.  
voltou quando o Valdivino  
preso nos ferros deixou-o.

O general ao sahir  
ordenou ao eosinheiro,  
que dêsse ao velho Calar  
um bom lombo de carneiro,  
porque merecia mais  
aquelle bom companheiro.

O creado deu o lombo  
Calar nem para elle olhou,  
sahiu o povo da festa  
e o lombo lá ficou,  
o cachorro veio comel-o  
á noite quando voltou.

A mulher de Elisario  
sabendo o que aconteceu  
deu-lhe um ataque tão forte  
que ella no chão se estendeu,  
passou a noite sem fala  
no outro dia morreu.

Juvenal, um hespanhol,  
parente de Elisario,  
chegando lá disse ao velho :  
—Você é milionario,  
compre quatro ou cinco medicos  
que provem que elle está vario.

Porque elle estando louco  
não póde ser condemnado,  
o processo fica invalido  
não poderá ser julgado,  
ahi o senhor procura  
o melhor advogado.

Elisiario pensou  
aquillo ser accertado,  
ao contrario Valdivino  
ia ser executado  
e tinha toda a certeza  
elle morrer enforcado.

Dirigiu-se á capital  
procurou advogado,  
esse arrumou cinco medicos  
foi o réo examinado  
que provaram a quatro annos  
elle estar allucinado.

O bispo e o presidente  
consultaram ao general,  
mandaram ver quatro medicos  
no reino de Portugal  
pra fazerem na Bahia  
uma junta especial.

Vieram de Portugal  
quatro medicos escolhidos,  
que por dinheiro sem conta  
não seriam illudidos,  
diziam que seus caracteres  
jamais seriam vendidos.

E examinando o réo  
cada medico de per si,  
todos disseram que nunca  
houve tal loucura ali,  
nem sequer nervos haviam  
todos juraram ahi.

Fizeram novo processo  
depois d'elle examinado,  
estando prompto o processo  
Valdivino foi julgado,  
a sentença que pegou  
foi de morrer enforcado.

Não havia mais recurso,  
estava tudo consumado,  
o réo dali ha tres dias  
ia ser executado,  
não tinha mais que apellar  
por já ter sido julgado.

O velho quasi em delirio  
sem nada mais conseguir  
tentou o ultimo meio  
afim do filho fugir,  
mas, só dos degraus da forca  
podia se escapolar.

Então soube que o carrasco  
era um tal de Zeferino,  
um calibre mais ou menos  
igual ao de Valdivino,  
tinha os tres dons da desgraça:  
—Cobarde, Vil e Assassino.

Era um mulato laranja  
de um aspecto aborrecido,  
o couro da testa d'elle  
sempre se via franzido,  
os cabellos bem vermelhos,  
rosto largo e não comprido.

Foi o velho Elisiario  
a esse tal Zelerino  
ver si elle podia dar  
evasão a Valdivino,  
disse: Elle pula da forca  
e depois toma o destino.

Pegue dez contos de réis  
que lhe dou adiantado  
e si tiver a fortuna  
elle não ser enforcado  
dar-lhe-ei mais vinte contos,  
o dinheiro está guardado.

Então disse Zelerino:  
—Isso é difficil arranjar,  
porém quando elle subir  
eu finjo me descuidar,  
elle que vá prevenido,  
trate logo de saltar.

Disse Zelerino ao velho:  
—O senhor deve apromptar  
um cavallo bem ligeiro  
para quando elle saltar  
montar-se logo e correr  
antes do povo chegar.

Eu hoje direi a elle  
tudo que está planejado,  
que côr terá o cavallo  
que ha de estar ali sellado?  
—Diga que é o poldro cobra  
em que elle andava montado.

Valdivino quando soube  
esta consulta que havia  
ficou como uma criança,  
chorou ali de alegria  
jurando no mesmo instante  
que Calar lhe pagaria.

Então passaram os dias  
estava o povo agglomerado,  
Valdivino de Amorim  
ia ser executado,  
tudo ali estava esperando  
vel-o morrer enforcado.

Estava o Estado Maior  
que vinha presenciar,  
subiu Valdivino á forca  
Zeferino o foi lançar,  
porém elle se encolhendo  
conseguiu dali saltar.

E sahio como uma flecha  
entre o povo se metteu,  
se montando no cavallo  
dali desappareceu,  
enterrando-se no matto  
num instante se escondeu.

O povo indignou-se  
com a fuga de Valdivino,  
um daquelles que ali estava  
estrangulou Zeferino  
porque esse tinha dado  
evasão ao assassino.

Porém chegou o cachorro  
quasi na occasião,  
soltou dois ou tres latidos  
sahiu de venta no chão,  
quarenta e tres praças foram  
tambem em perseguição.

Porém Valdivino ia  
em bom cavallo montado,  
tinha grande desvantagem,  
de não ter sahido armado  
e Calar no rasto delle  
gania muito veixado.

Foi preso o Elisiario  
como autor da evasão,  
o povo não o matou  
por estar na prisão  
e o bispo, que sahio  
pedindo á população.

Era meia noite em ponto  
Valdivino inda corria,  
o cavallo já cansado  
que nada mais resistia  
e o cachorro Calar  
de vez em quando latia.

Valdivino conhecendo  
que nada a elle valia  
e o cachorro Calar  
seu rasto não deixaria,  
pensou em suicidar-se,  
só assim descançaria.

Dentro do matto apeiou-se  
e amarrando o cavallo  
recostado a uma pedra  
sentiu alguém accordal-o,  
nisto o cavallo soltou-se  
elle não pode pegal-o.

Seguiu por uma vereda  
descalço e todo rompido  
ouvindo de vez em quando  
Calar soltar um latido,  
foi sahir bem no logar  
onde o crime tinha havido.

Elle viu na gameleira  
que sombreava a estrada  
Floriano de Oliveira,  
Angelita e Esmeralda,  
Sebastião soluçando,  
a mulher d'elle prostada.

Viu vir uma carruagem  
e nella um magistrado  
que saudou os cinco vultos,  
depois de ter se apejado  
exclamou: Sangue innocente,  
breve has de ser vingado!

Tornou a tomar o carro  
se montando foi embora,  
nesse momento Calar  
vem com a lingua de fóra,  
festejou todos os vultos  
e partiu na mesma hora.

Um dos vultos o chamando  
o cachorro destacou,  
Valdivino não ouviu  
o que o phantasma falou,  
só ouviu foi dizer: Volte  
e o cachorro voltou.

O criminoso pensou  
que ali não escaparia,  
lembrando-se de uma pessoa  
que morava na Bahia,  
tinha onde o occultar  
que nem o cachorro via.

Era um compadre e amigo  
á quem elle protegeu,  
que com dinheiro do pae  
esse tal enriqueceu  
e visitou Valdivino  
quando a justiça o prendeu.

Valdivino calculou:  
—Eu o que devo fazer  
é ir para o quintal d'elle  
e por ali me esconder,  
elle, ou então a mulher,  
um ha de me apparecer.

E sabiu o assassino  
chegando lá se escondeu,  
não houve ali quem o visse,  
quando o dia amanheceu  
o compadre veio fóra  
e elle lhe appareceu.

Valdivino lhe pediu  
que não o deixasse morrer,  
disse-lhe o velho Roberto :  
—Tenho aonde o esconder,  
porém ninguem mais daqui  
disso deverá saber.

Quatro dias decorria  
o assassino escondido,  
debaixo de umas madeiras  
estava elle ali mettido,  
o pae delle na cadeia  
e ia ser concluido.

Um dia de quarta-feira  
o velho Calar chegou,  
a força inda estava armada,  
Calar para ella olhou,  
gravando a vista no céu  
um uivo triste soltou.

Veio ali o presidente  
que trouxe um pão e lhe deu,  
Calar olhou para elle  
cheirou-lhe os pés e gemeu,  
botando o pão entre as mãos  
deitou-se ali e comeu.

Chegou a força do matto  
não trazendo o criminoso,  
o general com aquillo  
ficou muito desgostoso,  
até o governador  
ficou doente e nervoso.

O povo ao redor da forca só fazia lamentar que o pae do assassino devia se executar, todos pediam ao governo que mandasse o enforcar.

O cachorro levantou-se como quem estava caçando, foi á casa de Roberto na porta ficou uivando, olhava para Roberto partia a elle rosnando.

O general com aquillo ficou bastante nervoso e disse ao governador: —Eu estou bem receioso que ali naquella casa está occulto o criminoso.

Então a força cercou toda a casa de Roberto, o cachorro só faltava era dizer: Está bem perto, o general disse a elle: —O senhor está descoberto.

Roberto ali descobriu o assassino onde estava, debaixo de umas madeiras o monstro se conservava, foi levado ao pé da forca onde o povo o esperava.

Contou tudo o que se deu  
antes de ser enforcado,  
os vultos que viu na cruz  
a quem tinha assassinado,  
o segredo do cachorro  
e o carro do magistrado.

A's cinco horas da tarde  
a justiça o enforcou,  
o pae d'elle estava preso  
assim que o sino do bron  
elle soltando um suspiro  
não falou mais, expirou.

Estando morto o assassino  
o botaram sobre o chão,  
o cachorro olhou-o bem  
chamando tudo attenção,  
soltou dois ou tres latidos  
que espantou a multidão.

Quando a justiça ordenou  
o corpo ser inhumado,  
sobre os pés do general  
Calar cahiu bem cançado,  
talvez querendo dizer:  
—General, muito obrigado.

O general foi ver agua  
ao cachorro offereceu,  
ali o velho Calar  
dois litros d'agua bebeu,  
trouxeram-lhe uma fritada  
porém elle não comeu.

Festejando o general  
as pernas delle abraçou,  
dirigiu-se ao presidente  
esta mesma acção obrou  
e d'ali desapareceu,  
novo destino tomou.

Foi direitinho ao lugar  
que o crime horrendo se deu,  
no pé da cruz de Angelita  
elle cavou e gemeu,  
o velho Pedro chamou-o  
mas elle não attendeu.

Deitando-se entre as tres cruzes  
sua vida terminou,  
nas condições do guerreiro  
que da batalha chegou,  
trazendo os louros da guerra  
á sepultura baixou.

O general quando soube  
que Calar era sumido  
e que faziam tres dias  
que não era apparecido,  
mandou gente procural-o  
ficando muito sentido.

Sahiram cinco ou seis praças  
em procura de Calar,  
o general tinha dito :  
— Não voltem sem o achar,  
tragam elle direitinho,  
não façam o maltratar.

As praças foram ao lugar  
onde o crime tinha havido,  
onde a familia Oliveira  
tinha toda succumbido,  
bem ao pé de uma das cruzes  
tinha o velho cão morrido.

Tinha posto termo à vida  
o maior dos luctadores,  
o que em sua existencia  
viu o horror dos horrores,  
que sem falar descobriu  
quem matou os seus senhores.

O general quando soube  
da fórma que tinha achado  
mandou fazer uma cóva  
e nella fosse enterrado  
um dos amigos mais firmes  
que o mundo tinha criado.

E na morte dos senhores  
elle affirmou essa acção,  
provou que tinha amizade  
ao velho Sebastião  
e a morte foi vingada  
por sua perseguição.

Só não fez foi dizer nada,  
mas provou por sua vez,  
apontou só com a vista  
o monstro que o crime fez,  
seus olhos diziam ao publico:  
—Esse matou todos trez.

Deitou-se encostado á cruz  
que tinha edificado,  
tinha morrido ha trez dias  
e nem sequer estava inchado,  
como quem dizia: Agora  
posso morrer, estou vingado!

Mais de duzentas pessoas  
assistiram enterrar elle  
devido a grande firmeza  
que tinha se visto nelle,  
muitas flores naturaes  
deitaram na cova delle.

Agora vejam, leitores,  
quem era o velho Calar  
e como o Sebastião  
um dia ponde o achar:  
— Elle tinha quinze dias  
o dono ia o matar.

Então o velho Oliveira  
achou ser uma ingratição  
matar aquelle innocente  
embora fosse elle um cão  
porém disse: A caridade  
não se faz só a christão.

E levou-o para casa,  
disse á mulher que o criasse,  
dizendo: Póde ser bom  
e algum dia inda cace,  
quando nada, da fazenda  
talvez os bichos espantasse.

Calar criou-se e cresceu e era um cão caçador, maracajá e raposa tinha d'elle grande horror, passavam por muito longe da fazenda do senhor.

Era o vigia da noite um minuto não dormia, numa coisa que guardavam o velho cão não bolia, só quando os donos lhe davam era que elle se servia.

A familia de Oliveira muitas vezes a conversar o velho dizia aos filhos: —Este cachorro Calar tem expressões de pessoa que conhece o seu lugar.

Em casa do dono d'elle de noite nada chegava, um bacuráu que voasse Calar se erguia e ladrava, do poleiro das gallinhas os morcegos espantava.

Era muito caçador, o dono com elle caçava, porém a visinho algum á noite elle acompanhava, só sabia para o matto quando o senhor o chamava.

Depois de terem morrido  
os senhores de Calar,  
o pobre cão toda a noite  
ia para aquelle lugar,  
olhava para as tres cruces  
levava a noite a uivar.

Latia e fitava o céu  
que a tudo causava dó,  
vendo sangue no capim  
elle cobria com pó,  
ia embora para a casa,  
passava o dia ali só.

O velho Pedro dos Anjos  
visinho de Sebastião  
achou que aquelle animal  
merecia compaixão  
o chamou para não vel-o  
morrer lá sem remissão.

O velho Pedro sahia  
toda noite com Calar,  
mas elle só ia á caça  
depois que ia ao lugar,  
aos pés daquellas tres cruces  
não deixava de uivar.

Morreu o velho Calar  
ficou tambem descançado,  
era um cão porém deixou  
o nome immortalisado,  
morreu depois de vingar  
quem já o tinha livrado.

Feitor, não levantei falso,  
Escrevi o que se deu,  
Aquelle grande successo  
Na Bahia aconteceu  
Da lórma que o velho cão  
Folou morto sobre o chão  
Onde o seu senhor morreu.



F I M



*Envie os seus  
pedidos de fo-  
lhetos para a  
Guajarina*

Estado do Pará

CASA EDITORA  
**G U A Ñ A R I N A**

Officinas Graphicas Movidas a Electricidade  
de FRANCISCO LOPES

Rua Manoel Barata, n. 261 — Antigo 99  
PARÁ — Telephone n. 1241 — BELÉM

---

**Nossos Agentes**

Em RIO BRANCO (Acre)—Manoel Rodrigues

Em MANAUS — Marques & Gaspar — Livraria do Mercado e Livraria do Povo—Rua Marquez de Santa Cruz, 45.

Em SANTAREM—João I. Hage—Casa Violeta, Rua do Commercio, n. 67-A

Em MARABA'—José Bandeira de Souza

Em BRAGANÇA (Pará) — Cassiano Pereira da Silva

Em SAO LUIZ (Maranhão) —Valentim\* Maia. Rua Affonso Penna, 9-A

EM CAXIAS (Maranhão)—Trindade Vidigal & Filho—Rua Aarão Reis n. 8

Em TREZIDELLA (Caxias)—Elias Coelho de Rezende.

Em THEREZINA—Pedro Soares de Carvalho—Rua Ruy Barbosa, Planalto Vermelho

Em PARNAHYBA, Piahy—Antonio Marques de Oliveira—Avenida Capitão Claro, n. 18

Em NATAL (R.G.do Norte)—Ramos & Irmão —A Parahybana—rua Dr.Barata. 197



## BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.**

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br](mailto:atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br)).